

LÍNGUA E IDENTIDADE CULTURAL: O ESTUDO DA TOPONÍMIA LOCAL NA ESCOLA

Ana Paula Mendes Alves de CARVALHO

Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus* Ouro Branco
anapaula.carvalho@ifmg.edu.br

Resumo: Neste artigo, relata-se o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, no ano letivo de 2008, nas séries finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e no Ensino Médio de escola da rede estadual da cidade de Barra Longa/MG. Com o intuito de resgatar e conhecer a história e a memória local, propôs-se um estudo da motivação dos nomes das escolas do município. Vinculada ao eixo temático Educação Patrimonial, a proposta de trabalho se orientou pelos pressupostos teórico-metodológicos da Toponímia que, de acordo com Dick (1990), é o estudo da motivação dos topônimos, nomes próprios de lugares, isto é, enunciados linguísticos formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. Desse modo, a partir da investigação toponímica proposta, pôde-se conhecer aspectos sociopolíticos e culturais da época em que se deu a criação dessas escolas e recuperar informações a respeito da constituição do patrimônio cultural da comunidade.

Palavras-chave: língua; cultura; toponímia; educação patrimonial; interdisciplinaridade.

Introdução

Conhecer a realidade do aluno é de fundamental importância para que se tenha um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. É, nesse sentido, que, vinculado a um projeto maior de desenvolvimento profissional, uma equipe de professores da rede estadual de Barra Longa se dispôs a desenvolver o projeto na área de Educação Patrimonial “*Escolas têm história: toponímia em Barra Longa*”.

Com o objetivo de resgatar e conhecer a história e a memória das escolas do município, o projeto constituiu-se a partir do estudo da motivação dos topônimos relativos a essas escolas. Entenda-se por topônimo o nome dado a determinado lugar, seja acidente físico (rio, córrego, serra, etc.) ou humano (povoado, rua, capela, etc.). Assim, pretendeu-se mostrar que os topônimos não são escolhidos aleatoriamente, pelo contrário, várias são as questões sociopolíticas e culturais que permeiam essas escolhas.

Desse modo, a partir do estudo da Prof^ª. Dr^ª. Maria Cândida Costa Trindade de Seabra da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sobre a motivação dos topônimos da Região do Carmo em sua tese de doutorado intitulada “*A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*”, desenvolveu-se um trabalho interdisciplinar buscando conhecer o porquê do nome dado a cada escola do município e os aspectos sociopolíticos e culturais que envolvem a história da educação em Barra Longa.

Na sequência, antes de relatar o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar acerca da toponímia local, faz-se uma breve abordagem sobre a Toponímia, ciência que se destina aos estudos da motivação dos topônimos, isto é, dos nomes próprios de lugares, e sua relevância para os estudos interdisciplinares na área de Educação Patrimonial. Além disso, serão apresentadas também informações históricas e socioculturais do município mineiro de Barra Longa.

1 Toponímia: definição e aplicações didático-pedagógicas

1.1 Definindo Toponímia

Segundo Dick (1990), a Toponímia é o estudo da motivação dos topônimos, nomes próprios de lugares, isto é, de enunciados linguísticos formados por um universo transparente significativo que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. É, pois, segundo a autora “um imenso complexo línguocultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. (DICK, 1990, p.19)

O topônimo ao ser criado está sujeito às consequências do tempo: às influências, às modificações, e, até mesmo, ao desaparecimento do seu significado original, uma vez que escapa da consciência ou da memória do povo. Esses aspectos permitem afirmar que a Toponímia possui uma dupla dimensão: do referente espacial geográfico (função toponímica) e do referente temporal (memória toponímica).

Nesse sentido, Dick explica que:

[...] a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...], vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contido na denominação. (DICK, 1990, p. 24)

Levando-se em consideração, portanto, o caráter pluridisciplinar do signo toponímico, é possível afirmar que ele constitui um meio para conhecer e/ou reconhecer:

- i) a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região;
- ii) as características físico-geográficas da região;
- iii) as particularidades socioculturais do povo (o denominador);
- iv) extratos linguísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram;
- v) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

Observa-se, dessa forma, que a Toponímia estabelece uma estreita relação com o patrimônio cultural de um povo.

1.2 O estudo toponímico e o ensino de língua portuguesa

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documento elaborado com a finalidade de nortear as práticas aplicadas por educadores no processo ensino-aprendizagem, nos níveis fundamental e médio – é função da escola oferecer ao aluno, a partir de práticas didático-pedagógicas adequadas, subsídios (instrumentalização teóricas e práticas) para o efetivo exercício da cidadania, ou seja, viver e compreender de forma crítica seu tempo, nas diversas situações socioculturais.

No que se refere ao ensino da língua materna, os PCNs de Língua Portuguesa (1998, 2000) apresentam discussões a respeito dos conteúdos, objetivos e práticas relacionadas a essa área do conhecimento e apontam a necessidade de se repensar o foco no ensino da língua materna. O documento direcionado ao ensino fundamental (3º e 4º ciclos), PCNs (1988, p. 23), assinala que a “educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”.

Entre as orientações e propostas contidas nos PCNs (1998, 2000), frisa-se, de modo especial, a que diz respeito ao tratamento interdisciplinar no ensino da Língua Portuguesa. O documento direcionado ao ensino médio, PCNs (2000, p. 21), esclarece:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos.

Na verdade, o que se propõe é uma abordagem relacional, ou seja, uma interconexão entre os conhecimentos, complementando-os, convergindo-os, divergindo-os; articulando e integrando, assim, informações que transitam entre as diferentes áreas do saber.

Nessa perspectiva, a inclusão dos estudos toponímicos no currículo escolar, entre os assuntos tratados nas aulas de Língua Portuguesa, permite a aplicação da referida orientação, já que essa disciplina onomástica caracteriza-se, exatamente, pela interdisciplinaridade inerente, e necessária, para a análise e compreensão do sentido que o topônimo possui. O trabalho com a Toponímia articulará saberes geográficos, históricos, biológicos, antropológicos, além, é claro, de saberes linguísticos.

É entre a fronteira do pensamento linear e não linear que o estudo da toponímia pode traduzir o *modus vivendi* de um grupo, um país, ou ainda responder a vários interesses. É fundamental compreender os topônimos a partir dos diferentes significados, olhares e áreas de atuação, pois, por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente (re)inventam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores socioculturais, econômicos, políticos e religiosos.

1.3 Toponímia e educação patrimonial

Considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce sua capacidade de exprimir sentimentos, ideias, de cristalizar conceitos. Desse modo, para a autora, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época.

Percebe-se, pois, que ao investigar as questões que envolvem a motivação de determinado nome de lugar é possível conhecer modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Em outros termos, é possível identificar fatores socioculturais, históricos e ideológicos relacionados à história de uma dada região, o que permite conhecer e resgatar informações a respeito da constituição de seu patrimônio cultural.

Assim, a partir da investigação dos nomes dados às escolas locais, pôde-se conhecer e recuperar aspectos sociopolíticos e culturais da época em que se deu a criação dessas escolas, permitindo resgatar questões ligadas ao patrimônio cultural da comunidade.

2 Contextualização: informações históricas e socioculturais de Barra Longa/MG

Segundo Alves (2008, p. 65-71), no início do povoamento de Minas Gerais, vários colonizadores chegaram às margens do rio Carmo, formando pequenos núcleos de povoamento. Barra Longa foi um desses núcleos, pois teve sua origem num primitivo arraial, fundado no início do século XVIII pelo coronel Matias Barbosa da Silva, senhor de muitos escravos e poderoso em armas.

De acordo com os registros encontrados no “Centro de Memória Cônego Raimundo Trindade”, a autora afirma que o bandeirante Francisco Bueno de Camargo é apontado como o primeiro a passar na região de Barra Longa à procura de ouro. Outros se seguiram, sendo que os primeiros habitantes chegaram entre os anos de 1701 e 1704. É, nessa época, a pedido do Governador Arthur Sá de Menezes, Matias Barbosa se dirige à localidade para combater os índios que aí se encontravam, recebendo em troca vasta extensão de terras onde constrói sua fazenda – a Fazenda dos Fidalgos ou Fazenda da Barra – no local onde se dá o encontro dos rios Carmo e Gualacho do Norte.

Nos arredores da referida fazenda, o coronel Matias Barbosa manda erigir a Capela de São José da Barra do Gualacho, em 1729. Assim, nos entornos da capela se desenvolve um povoado, chamado inicialmente de *Barra dos Gualachos do Norte*, depois de *Barra de Mathias Barbosa* e, posteriormente, de *São José de Barra Longa*, em 1741, ano que se dá a instituição da paróquia no povoado.

Com a denominação atual, a Freguesia de Barra Longa é elevada à categoria de vila submetida à cidade de Mariana, por lei nº. 202, de 1º de abril de 1841, artigo 16. Em 1857, é transferida para o município de Ponte Nova. Mas a transferência é temporária, pois em 1870 volta a pertencer a Mariana, sendo novamente transferida para Ponte Nova em 1923. O município é emancipado em 17 de dezembro de 1938.

Banhada pelos rios Carmo e Gualacho, Barra Longa está situada na região do Carmo, juntamente com os municípios Acaiaca, Alvinópolis, Dom Silvério, Diogo de Vasconcelos, Mariana, Ponte Nova, Ouro Preto e Rio Doce. De acordo Trindade (1962), é nessa região que se inicia o povoamento do estado de Minas Gerais.

Foi ao findar do século XVII que o distrito das Minas Gerais, já então visitada por seguidos exploradores, em realidade começou a povoar-se. Entre as regiões primeiro penetradas e habitadas figura a do Ribeirão do Carmo (16 de julho de 1696). Riquíssimas em ouro, num ponto se viram as margens do decantado ribeirão buscadas e revolvidas por uma multidão ingente de aventureiros atraídos de longes e várias terras pela sedução do ouro que empolgava, deslumbrando-as, tôdas as imaginações. Dados inteiramente à cata do precioso metal, esqueceram-se êsses primeiros colonos e mineiros da cultura da terra e em pouco vieram a sentir as tristes consequências de sua imprevidência e de sua desvairada ambição. A fome declarou-se impiedosa, impondo-lhes a dispersão: povoaram-se, então, num átimo, com os desertores do Carmo e do Ouro Prêto, as margens dos dois Gualachos, do Carmo, e do Rio Doce até o Sem Peixe, e se além não foram na primeira investida é que naqueles sertões imperava ainda mais atrevido e mais bruto o bárbaro botocudo. Datam de então os estabelecimentos das primeiras fazendas, povoados e capelas da zona do Carmo e dos Gualachos. Barra Longa foi um desses povoados. (Trindade, 1962, p. 11)

Seabra (2004), investiga a motivação de 210 topônimos da primeira região povoada de Minas Gerais, a Região do Carmo, em que a cidade de Barra Longa se encontra inserida.

Nesse estudo, são encontradas informações linguísticas e culturais desse município. Conforme se observa, a seguir:

Topônimo: BARRA LONGA	Taxonomia: Geomorfotopônimo
<p>MUNICÍPIO: Barra Longa</p> <p>ACIDENTE: humano / cidade</p> <p>ORIGEM: portuguesa (cf. MACHADO, 1984)</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Ssing + ADJsing]</p> <p>HISTÓRICO: Barra Longa < São José de Barra Longa < Barra de Mathias Barbosa < Barra dos Goalachos do Norte</p>	
<p>Geomorfotopônimo < Hagiopônimo < Geomorfotopônimo</p>	
<p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>De acordo com MACHADO(1984) “<i>Barra</i> é topônimo em Barcelos, Braga, Felguerias, Figueira da Foz, Mangualde, Mira, Ovar, Resende, S. Pedro doSul, Vila Verde. Aparece em numerosos compostos.”</p> <p>SENN(1926:240) diz que o topônimo <i>barra</i> “é das denominações locais mais comuns em Minas, havendo sítios, povoados e bairros desse nome [...] além das localidades de nomes compostos com a palavra <i>Barra</i>, como por exemplo: [...] <i>Barra Longa</i> (povoações desse nome, nos municípios de Juiz de Fora e Marianna). [...] Conforme o rio ou ribeirão, que <i>faz barra</i> em outro, tomam vários lugares de Minas os nomes, <i>verbi-gratia</i>, de [...] ‘Barra do Bacalhau’ (no rio Piranga); ‘Barra do Manhuassú’ (no Rio Doce); ‘Barra de Santo Antonio’(no mesmo Rio Doce), etc. É o mesmo que <i>foz</i> ou <i>embocadura</i>, e a <i>barra</i> indica o ponto da confluência, em que uma corrente desagua noutra (rio, ribeirão, córrego ou riacho). Além do termo peculiar à geographia physica brasileira, ocorre-nos ainda dizer que esse nome <i>barra</i> nos veio do céltico para o português, com os significados vernáculos de tranca de ferro; peça de leme; entrada estreita de um porto, etc.”</p> <p>“Segundo TRINDADE (1917) a origem do nome <i>Barra Longa</i> se deve ao encontro dos seus dois grandes rios Carmo e Gualaxo que formavam uma ‘grande barra’ perto de onde foi construída por seu fundador, Mathias Barboza, a ‘Fazenda dos Fidalgos’, ou a ‘Fazenda da Barra’.” (Apud SEABRA, 2000:112)</p> <p>“O Coronel Mathias Barboza da Silva, que se ilustrara no Sul, defendendo contra os hespanhões a Colonia do Sacramento, e que para Minas subindo com Arthur de Sá ahi se tornara riquíssimo, senhor de numerosa escravatura e poderoso em armas, desceu por seu turno a procurar no seio ubertoso das terras do Carmo a sustentação de sua casa já então naturalmente grande. Lançou nestas partes várias posses, legalizadas annos depois pelos documentos commumente chamados – cartas de sesmarias. – A principal destas posses, a que o Coronel tratou com mais interesse e carinho, foi a da grande fazenda da <i>Barra do Gualacho do Norte</i>, vasto dominio territorial, dentro de cujo perimetro, proximo ao local onde, a feição de solar, nobre se erguia grave e severo o robusto casarão da fazenda, fundou elle o pequeno arraial da <i>Barra de Mathias Barboza</i> pouco depois <i>São José da Barra Longa</i>. Isso deve ter-se verificado de 1701 a 1704.” (TRINDADE, 1917:14)</p> <p>“Por sentença de 21 de outubro e provisão de 4 de novembro de 1741, Dom Frei João da Cruz desmembrou da freguezia do Furquim a capela de ‘São José do Gualacho do Norte’, erigindo-a em paróquia com o nome de ‘<i>São José da Barra Longa</i>’; que foi uma das mais florescentes freguesias do bispado. (TRINDADE, 1929:70)</p> <p>(...)</p>	

Figura 1 – Décima Sexta ficha léxico-toponímica de Seabra (2004, p.120-122) – Adaptada.

Localizada a 174 Km de Belo Horizonte, Barra Longa está situada na mesorregião da zona da mata mineira. O município possui uma área total de 389 Km² e cerca de vinte e cinco comunidades rurais, com distâncias que chegam até 30Km da sede, muitas delas tão antigas quanto a própria sede. A atividade agropecuária representa o principal setor da economia do município, tendo o leite como o seu mais importante produto.

A população estimada do município de acordo com a contagem do IBGE de 2007 é de 6.965 habitantes, dos quais 70% habitam a zona rural, onde estão localizadas muitas fazendas construídas desde os primórdios do povoamento até os dias atuais, o que confirma a tradição agropecuária do município.

Além das atividades agropecuárias, como a produção de leite e de seus derivados, de cachaça e rapadura, outra atividade que se destaca na região é o bordado artesanal, cuja qualidade e tradição ultrapassam os limites regionais.

A respeito da educação no município, pode-se dizer que, na sede, são encontradas duas escolas estaduais: a E.E. *Claudionor Lopes* e a E.E. *Padre José Epifânio Gonçalves*. Na primeira, são oferecidas as séries iniciais do Ensino Fundamental e na segunda, as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Nas comunidades rurais, há diversas escolas da rede municipal de ensino onde são ministradas as séries iniciais do ensino fundamental. Assim, na comunidade do Pimenta, tem-se a E.M. *Albina de Souza Pontes*; na comunidade do Cunha, a E.M. *Álvaro da Costa Tavares*; nas comunidades do Felipe dos Santos e do Matipó, E. M. *Cônego Raimundo Trindade*; nas comunidades do Paiol do Cunha e do Caqui, a E.M. *Córrego Grande*; na comunidade do Barro Branco, a E.M. *Domingos Gonçalves Machado*; nas comunidades do Pouso Alto e do Fragoso, E.M. *Edmundo Mariano da Costa Lanna*; nas comunidades do Gesteira e do Bonito, E.M. *Gustavo Capanema*; nas comunidades do Bonfim, Covanca e Água Fria, a E.M. *Luíz Melo Viana Sobrinho*; nas comunidades do Dobra de do Taboões, a E.M. *Matias Barbosa*; na comunidade do Barreto, a E.M. *Monsenhor Horta*; na comunidade do Bom Sucesso, a E.M. *Sebastiana Borges Albergaria* e na comunidade da Rocinha, a E.M. *Cônego Nativo Lessa*.

É sobre a história dessas escolas – estaduais e municipais – que se ocupa o Projeto de Desenvolvimento Profissional – PDP – desenvolvido por uma equipe de professores da E.E. *Padre José Epifânio Gonçalves*.

3 Descrição metodológica estudo desenvolvido

O projeto *Escolas têm história: toponímia em Barra Longa* de natureza interdisciplinar foi desenvolvido, no ano letivo de 2008, por uma equipe de doze professores da rede estadual de ensino do município de Barra Longa/MG.

Inserido na área de educação patrimonial, o projeto vinculou-se a um projeto maior de desenvolvimento profissional – PDP – da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEE/MG – cujo principal objetivo era o aperfeiçoamento profissional dos docentes envolvidos a partir de atividades didático-pedagógicas que lhes trouxessem, além de conhecimento teórico, o conhecimento prático, sobretudo, no que tange à realidade dos alunos.

Nesse sentido, na condição de Escola Referência, a Escola Estadual *Padre José Epifânio Gonçalves*, única escola da comunidade que oferece as séries finais do Ensino Fundamental e Médio, teve, em 2007, a oportunidade de inscrever seus professores para participar do processo de seleção estadual para desenvolver um projeto de desenvolvimento profissional na escola.

Desse modo, professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia, Sociologia, Matemática e Educação reuniram-se e escreveram o projeto que foi enviado à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e obteve aprovação para ser executado no ano seguinte com as séries finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e o Ensino Médio.

Tendo em vista que conhecer a realidade do aluno é de fundamental importância para que se tenha um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, pensou-se em algo que, além de propiciar desenvolvimento profissional, contribuísse para que a prática pedagógica fosse repensada. Assim, o projeto “*Escolas têm história: toponímia em Barra Longa*” surgiu com o objetivo de resgatar a história e a memória das escolas do município de Barra Longa a partir do estudo da motivação dos topônimos relativos a essas escolas, bem como conhecer um pouco um pouco da comunidade onde moram alunos envolvidos e da escola onde eles estudaram até o 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental.



Figura 2 – Painel exposto na culminância do Projeto

Entenda-se por topônimo o nome dado a determinado lugar, seja acidente físico (rio, córrego, serra, etc.) ou humano (povoado, rua, capela, etc.). Pretendeu-se mostrar, então, que os topônimos não são escolhidos aleatoriamente, pelo contrário, várias são as questões sociopolíticas e culturais que permeiam essas escolhas.

Desse modo, a partir do estudo da Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Costa Trindade de Seabra da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sobre a motivação dos topônimos da Região do Carmo em sua tese de doutorado intitulada “*A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*”, desenvolveu-se um trabalho interdisciplinar buscando conhecer o porquê do nome dado a cada escola do município e os aspectos sociopolíticos e culturais que envolvem a história da educação em Barra Longa.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Num primeiro momento, os professores reuniam-se semanalmente, na escola, para estudar textos sobre educação patrimonial e toponímia. Além disso, ainda nessa fase do projeto, traçou-se um cronograma de atividades referentes à pesquisa da história das escolas municipais e da motivação de suas designações toponímicas.

Num segundo momento, os professores, juntamente com os alunos, foram a cada uma das dezenove comunidades rurais do município onde há escolas a fim de coletar, *in loco*, informações referentes à história de criação das escolas e à história das comunidades propriamente dita.

Assim, com o auxílio da Secretaria Municipal de Educação do município, todas as escolas foram visitadas e, nessas visitas, buscou-se, além de registros escritos nos arquivos locais, relatos de pessoas mais velhas da comunidade através de entrevistas orais, que, com a permissão dos entrevistados, foram gravadas e transcritas. Tais informações – escritas e orais – contribuíram para a confecção de um histórico de cada escola do município.

Além desses históricos, foram desenvolvidas outras atividades com os alunos ao longo do desenvolvimento do projeto, tais como produção de textos de diversos gêneros a respeito das escolas em que eles estudaram, confecção de mapas do município e das comunidades rurais, investigação da motivação toponímica de cada uma das instituições estudadas. Além disso, cada turma envolvida ficou responsável pela confecção da maquete de uma escola da comunidade.



Foto 1 – Textos produzidos pelos alunos e expostos à comunidade escolar (Acervo pessoal)

Os produtos dessas atividades, bem como os históricos das escolas, foram apresentados à comunidade escolar no dia da culminância do projeto, que ocorreu em 15/11/2008, na Escola Estadual *Padre José Epifânio Gonçalves*. Nessa data, em que se reuniu toda a comunidade escolar, além da exposição dos produtos do projeto desenvolvido, houve uma palestra com a Professora da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra a respeito da toponímia e educação patrimonial, intitulada *Nomes de lugares: patrimônio linguístico-cultural*.



Fotos 2 e 3 – Maquete da Escola Estadual *Padre José Epifânio Gonçalves* (Acervo Pessoal)



Fotos 4 e 5 – Maquetes confeccionadas e expostas na culminância do projeto (Acervo Pessoal)

4 Apresentação e análise dos resultados

Como já foi dito anteriormente, com uma área de 389 Km² o município de Barra Longa possui cerca de vinte e cinco comunidades rurais, com distâncias que chegam até 30 Km da sede, muitas delas tão antigas quanto a própria sede.

A seguir, tem se um mapa de Barra Longa, confeccionados pelos alunos, com as dezenove comunidades rurais onde são oferecidas as séries iniciais do Ensino Fundamental às crianças dessas localidades.



Figura 2 – Mapa de Barra Longa e de seus povoados que possuem escolas

Há, em cada uma dessas comunidades, um prédio escolar onde são ministradas as séries iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, pela proximidade de alguns povoados, alguns deles funcionam como uma única instituição e, portanto, com o mesmo nome em duas ou mais comunidades. Desse modo, foram estudadas 14 (quatorze) escolas, 2 (duas) da rede estadual localizadas na sede do município e 12 (doze) as escolas da rede municipal localizadas nas comunidades rurais, conforme se mostra, no quadro, a seguir:

Quadro 1 – Escolas do município de Barra Longa

Natureza (municipal/estadual)	Nome recebido (Topônimo)	Localização no município	Níveis de ensino oferecidos
1 – Escola Estadual	Padre José Epifânio Gonçalves	Sede	Séries finais do Ens. Fundamental e Ensino Médio
2 – Escola Estadual	Claudionor Lopes	Sede	Séries iniciais do Ens. Fundamental
3 – Escola Municipal	Albina de Souza Pontes	Pimenta	Séries iniciais do Ens. Fundamental
4 – Escola Municipal	Álvaro da Costa Tavares	Cunha	Séries iniciais do Ens. Fundamental
5 – Escola Municipal	Cônego Raimundo Trindade	Felipe dos Santos e Matipó	Séries iniciais do Ens. Fundamental
6 – Escola Municipal	Córrego Grande	Cunha e Caqui	Séries iniciais do Ens. Fundamental
7 – Escola Municipal	Domingos Gonçalves Machado	Barro Branco	Séries iniciais do Ens. Fundamental
8 – Escola Municipal	Edmundo Mariano da Costa Lanna	Pouso Alto e Fragoso	Séries iniciais do Ens. Fundamental
9 – Escola Municipal	Gustavo Capanema	Gesteira e Bonito	Séries iniciais do Ens. Fundamental
10 – Escola Municipal	Luiz Melo Viana Sobrinho	Bonfim, Covanca e Água Fria	Séries iniciais do Ens. Fundamental
11 – Escola Municipal	Matias Barbosa	Dobla e Taboões	Séries iniciais do Ens. Fundamental
12 – Escola Municipal	Monsenhor Horta	Barreto	Séries iniciais do Ens. Fundamental
13 – Escola Municipal	Sebastiana Borges Albergaria	Bom Sucesso	Séries iniciais do Ens. Fundamental
14 – Escola Municipal	Cônego Nativo Lessa	Rocinha	Séries iniciais do Ens. Fundamental

Dos 14 topônimos referentes às escolas pesquisadas, quanto à taxionomia toponímica de Dick (1990), verifica-se-se que 9 nomes ou 64% dos dados são classificados como antropotopônimos, isto é, topônimos relativos a nomes de pessoas que exerceram influência na região; 4 ou 29% do total são hierotopônimos, isto é, topônimos relativos a nomes sagrados, nesse caso, nomes de membros de associações religiosas (como padre, frei, etc.) acompanhados de seus respectivos nomes de batismo, a saber: *Padre José Epifânio Gonçalves*, *Cônego Raimundo Trindade*, *Cônego Nativo Lessa* e *Monsenhor Horta*. Vale ressaltar que topônimos dessa natureza também podem ser, de acordo com a autora, classificados como axiotopônimos, isto é, topônimos referentes a títulos e a dignidades que

acompanham nomes próprios individuais. O nome *Corrego Grande*, por sua vez, representando 7% dos dados, é classificado como hidrotopônimo, isto é, nome referente aos cursos de água.

A partir desses resultados, observa-se que a maioria das designações toponímicas referentes à escola é de natureza antropocultural, 93% dos dados, ou seja, os antropotopônimos (64%) e hierotopônimos/axiotopônimos (29%). Por outro lado, apenas uma designação toponímica (7% dos dados) é de natureza física, o hidrotopônimo. O quadro 2 e o gráficos 1, a seguir, ilustram esses resultados:

Quadro 2 – Classificação dos nomes das escolas de acordo com a taxionomia de DICK (1990)

Topônimos de natureza antropocultural		Topônimos de natureza física
Antropotopônimos	Hierotopônimos/axiotopônimos	Hidrotopônimos
Claudionor Lopes Albina de Souza Pontes Álvaro da Costa Tavares Domingos Gonçalves Machado Edmundo Mariano da Costa Lanna Gustavo Capanema Luiz Melo Viana Sobrinho Matias Barbosa Sebastiana Borges Albergaria	Padre José Epifânio Gonçalves Cônego Raimundo Trindade Monsenhor Horta Cônego Nativo Lessa	Córrego Grande

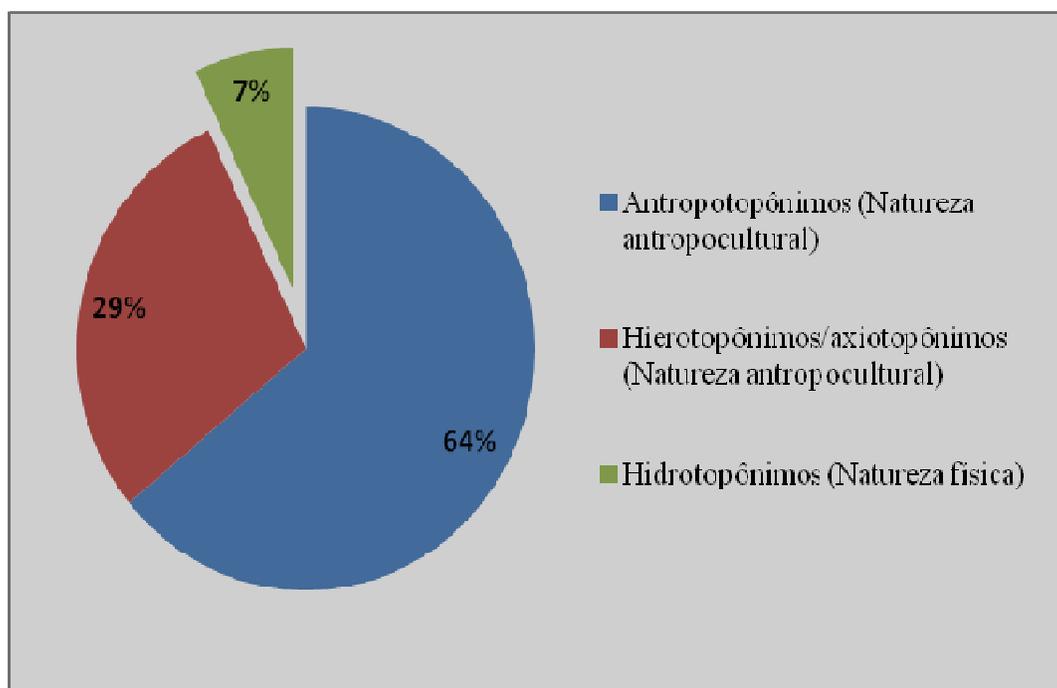


Gráfico 1 – Classificação dos nomes das escolas de acordo com a natureza e a taxionomia de Dick (1990)

Assim, pela observação apenas dos topônimos de natureza antropocultural e de acordo com as pesquisas feitas, verifica-se que há, no município, escolas cujos topônimos tiveram, em sua motivação, influência política e influência religiosa, conforme é mostrado a seguir:

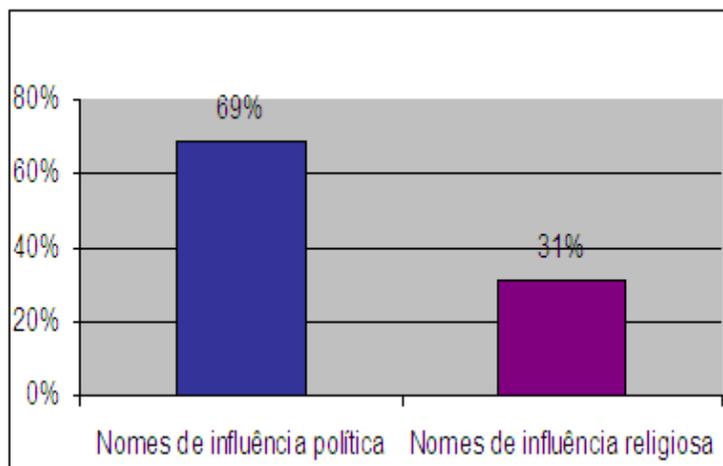


Gráfico 2 – Motivação dos topônimos de natureza antropocultural de acordo com a influência

A partir dos resultados apresentados, percebe-se que os nomes das escolas, em sua maioria, (69%) advêm de motivação política, seja de pessoas da própria localidade (donos de terras, vereadores, prefeitos, etc.) seja de pessoas que exerceram influência política no estado (deputados, ministros, senadores, etc.). Nota-se também a presença de motivação religiosa em 31% das designações toponímicas referentes às escolas do município. Observa-se, pois, que o homem deixa sua marca no espaço, pois ao dar nomes aos lugares, nesse caso, às escolas, prestam homenagem a pessoas que exercem ou exerceram, de algum modo, influência na região.

Considerações finais

A execução do projeto interdisciplinar *Escolas têm história: toponímia em Barra Longa* foi, sem dúvida, uma experiência ímpar de aprendizagem em que os alunos envolvidos conseguiram, através do estudo enunciados linguísticos – os topônimos relativos às escolas do município – conhecer aspectos sociopolíticos e culturais da comunidade onde vivem.

Com as visitas feitas às comunidades rurais, foi possível efetivar o intercâmbio entre as escolas municipais e os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Além disso, houve também a interação entre os alunos envolvidos e os alunos das escolas visitadas. Estes últimos, por estarem nas séries iniciais do ensino fundamental, ficaram satisfeitos em saber um pouco sobre a escola que lhes receberia a partir do 6º ano do Ensino Fundamental e conhecer alguns de seus futuros professores. Há que se ressaltar ainda, a interação entre os professores participantes do projeto e os professores da rede municipal que, gentilmente, recebiam os pesquisadores em suas salas de aula.

O contato com a comunidade em geral seja através dos alunos, seja através dos professores participantes do grupo de desenvolvimento profissional proporcionou uma aprendizagem concreta da importância de se resgatar e conhecer o patrimônio local. Percebeu-se, pois, que as escolas integram o patrimônio cultural do município.

Outra consideração importante, diz respeito, à motivação de projeto, isto é, a investigação do porquê dos nomes dados às escolas. Ao pesquisá-los, verificou-se que, na maioria das vezes, os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio não conheciam a história que permeou a denominação e a criação da escola onde haviam estudado até o 5º ano do ensino Fundamental. Essa pesquisa, que também foi proposta para eles,

permitiu-lhes conhecer as questões culturais e sócio-políticas que envolvem a história da educação no município.

Por fim, é possível dizer que, a partir dessas ações, e, sobretudo, ao visitar as comunidades rurais de onde vêm os alunos envolvidos no projeto, pôde-se conhecer de perto um pouco de sua realidade e de seu universo cultural, o que, com certeza, é de grande relevância para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, percebeu-se, através do estudo toponímico desenvolvido na escola, a relação intrínseca entre língua e identidade cultural.

Referências

ALVES, A. P. M. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Ensino Médio – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1990, 387p.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo, Gráfica da FLCH/USP, 1992, 258p.

_____. *Atlas toponímico: um estudo de caso*. São Paulo, Ed. Plêiade, v. 6, 1996, p. 27-44.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Parimônio Hiatórico e Cultural*. RJ: Jorge Zahar, 2006.

MATA MACHADO, Bernardo Novais. A idenidade cultural de fato e de direito. In.: *Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial*. BH: SEEMG, 2002. pp. 37-50. (Lições de Minas, 23).

SEABRA, M.C.T.C. *A Formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Monographia da Parochia de S. José da Barra Longa*. São Paulo: A. Campos Editor, 1917.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Monografia de Barra Longa*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1962.